



PIBID DE LETRAS UNIVALI: MEDIAÇÕES DE LEITURA

Adair de Aguiar Neitzel¹

*Amanda Demétrio dos Santos²

*Gabriela Vieira³

Este texto tem como objetivo discutir ações desenvolvidas no âmbito do PIBID de Letras da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), tendo como problema de pesquisa: Como os bolsistas do PIBID de Letras medeiam a leitura do literário? É uma pesquisa de abordagem qualitativa e o instrumento de coleta de dados são os portfólios produzidos por duas bolsistas ao longo do semestre. O aporte teórico que deu sustentação a esse trabalho foi Barthes (2015) e Neitzel e Carvalho (2016).

O PIBID de Letras tem como foco a formação de leitores. A concepção que dá respaldo ao subprojeto é a literatura frutiva (BARTHES, 2015), a qual concebemos como um objeto artístico e estético que precisa ser apreciado como arte. O PIBID UNIVALI tem como eixo a educação estética, compreendida como o educar pelos sentidos e, por meio deles, ver, ouvir e contemplar o mundo a fim de compreendê-lo. Acreditamos, então, que a educação não se dá apenas no campo da cognição, mas também pelos sentidos e pelos afetos. Nesse sentido, entendemos que o trabalho com a literatura, compreendida como arte, pode educar esteticamente.

Esta pesquisa centra-se nas atividades mediadas por um dos grupos composto por sete bolsistas de Letras que atua em um Centro Educacional de Educação Integral (CEDIN), na cidade de Itajaí, SC. A comunidade onde a escola está inserida abrange

¹ UNIVALI, curso de Letras, Coordenadora de área do PIBID de Letras, CAPES.

² UNIVALI, curso de Letras, Bolsista de Iniciação à Docência do PIBID de Letras, CAPES.

³ UNIVALI, curso de Letras, Bolsista de Iniciação à Docência do PIBID de Letras, CAPES.



famílias em situações de vulnerabilidade social. Tendo em vista a concepção de literatura que norteia o subprojeto de Letras, as bolsistas medeiam a leitura do texto literário explorando a função estética da literatura, proporcionando o contato dos alunos com diferentes gêneros textuais.

Para atingir esse objetivo, as bolsistas fizeram uso de objetos propositores com o intuito de despertar os alunos para o texto a ser trabalhado, além de dialogar com elementos disparadores, como perguntas que potencializam seus saberes e seus sentidos. De acordo com Uriarte et al. (2016), o objeto propositor convida e envolve o estudante em uma experiência estética a perceber o texto literário pela fruição, adotando uma postura de gosto e entendimento da literatura como arte. A mediação pauta-se na estesia, o que exigiu que as bolsistas instigassem os alunos a deslocarem-se, ampliando seus olhares, a pensarem diferente e ir além, ao entrarem em contato com as mais diversas manifestações artísticas. Uma postura que identificamos com a de mestres emancipadores, segundo Rancière (2013), que oportunizam a autonomia pela experiência. Tendo em vista essa concepção, apresentamos, a seguir, duas das mediações propostas no CEDIN pelas bolsistas.

Mediações de leitura pelo corpo

Com o objetivo de ampliar a percepção das bolsistas acerca da importância da utilização de objetos propositores na mediação, exploramos a utilização de jogos dramáticos na leitura da poesia de Ricardo Silvestrin. Essa é uma atividade que consiste em realizar a leitura pelo corpo, movimentos que, de alguma forma, dialogam com o texto literário usados para convidar o leitor a entrar no texto. Por meio da voz, sons do corpo, como palmas, estalar de dedos, sussurros, gestos, levou-se o aluno a ler o texto literário com vida, alegria e movimento. De acordo com Uriarte *et. al.* (2016), ensinar pelo viés estético promove uma aprendizagem não apenas pelo racional, mas também pelos sentidos.

Tendo em vista a concepção de mediação emancipadora, as bolsistas buscaram dar autonomia aos alunos para que estes escolhessem o grupo com o qual iriam atuar e



explorassem os espaços extraclasse da escola. Segundo Neitzel *et al.* (2016), para a educação dos sentidos de maneira integral, é necessário experimentar e contemplar a beleza de forma cotidiana, os sentidos necessitam ser trabalhados durante todas as ações, e, por isso, o espaço influencia de maneira positiva ou negativa, levando à estesia ou à anestesia.

O portfólio das bolsistas relata que a empolgação das crianças nos jogos dramáticos (Imagem 1) era visível, pois colocavam vida ao texto. O elemento disparador para aguçar a sua curiosidade sobre o texto foram perguntas relacionadas ao título da poesia. Além disso, discutiram sobre a importância do abraço nas relações de afeto entre as pessoas, seguidas sempre pelos comentários dos alunos. O primeiro contato com a obra foi feito por uma leitura silenciosa e com o uso de entonações vocais diversas – como leitura em voz alta ou sussurrando - e gestos interpretando o texto. Assim, as crianças deveriam conciliar a leitura com seus gestos corporais, criando uma leitura dramática, favorecendo sua educação estética.

Imagem 1: Jogos dramáticos



Fonte: Acervo das autoras.

De acordo com Neitzel e Carvalho (2016, p. 153): “Jogar, brincar é parte do humano que lida com o jogo, a emoção, o comportamento que se arrisca à emancipação no ato de ler e contar”. Para as autoras, quando a ação do contador de histórias tem em vista a



concepção de literatura como arte, “[...] antes de colocar-se em evidência o valor literário da obra, sua riqueza semântica e sua densidade particular, é preciso seduzir o leitor mirim, colocá-lo frente ao texto para degustá-lo” (NEITZEL; CARVALHO, 2016, p. 153).

Ao final da dinâmica, todos os alunos reuniram-se no pátio da escola para apresentar seu jogo dramático e trocar experiências acerca das vivências, integrando os grupos. A roda de conversa possibilitou que os alunos compartilhassem suas opiniões, seus pensamentos e suas ideias a respeito dos jogos dramáticos, pois mediar é abrir-se para a experiência, para a escuta, para a troca, para o outro.

Os portfólios registraram que essas atividades aproximaram os alunos da leitura e oportunizaram uma leitura frutiva, uma percepção da literatura como objeto estético. De acordo com Uriarte *et al.* (2016), é possível no contexto escolar uma integração de saberes – inteligíveis e sensíveis - pela educação estética, e esta pode ser facilitada pela mediação cultural, uma ação na qual alunos e professores dialogam, em uma construção reflexiva sobre a própria vida, integrada aos conteúdos trabalhados na escola.

O literário e as miudezas de Barros

O objetivo da mediação do literário foi explorar o texto por meio de objetos propositores. O conto escolhido foi *O Lavador de Pedra*, de Manoel de Barros. O texto surpreende o leitor pelo tipo de provocação que faz, pois trabalha com objetos inusitados e animais miúdos, como formigas, moscas, lesmas, viventes do Pantanal. Outro fator para a escolha do texto foi que a escola dispunha de livros no número necessário para que cada aluno tivesse um exemplar. O fato de os alunos poderem manusear um livro impresso os deixou bastante animados, pois, em outras ocasiões, as bolsistas haviam trabalhado textos em suporte virtual. Um aluno disse: “*Agora a leitura será mais massa*”, ao saber que ela seria feita a partir do objeto estético impresso. Essa presença do livro físico para os alunos gerou um encantamento e enriqueceu toda a experiência.

Para encantar os alunos, os objetos propositores escolhidos foram duas imagens: uma de uma “venda” de uma cidade do interior e outra de um pequeno vilarejo no



Nordeste (Imagem 2). Acompanharam as imagens perguntas sobre o que eles viam, se já foram em lugares parecidos, etc. Essa atividade de encantamento partiu do princípio de que mediar “[...] é estar entre muitos” (MARTINS, 2014, p. 228), o que implica em escutar e dialogar com o outro. Uma vez encantados, os alunos foram convidados a fazerem uma conexão entre o título e as imagens mostradas. O encantamento inicial é a peça chave na mediação, pois bem realizada faz com que haja nos alunos curiosidade e atenção constantes, uma postura investigativa pelos textos.

Imagem 2: Imagem como objeto propositor



Fonte: Acervo das autoras.

O diálogo tecido conduziu os alunos à leitura silenciosa do texto e, na sequência, passaram a dialogar sobre o que foi lido. Vários comentários vieram, entre eles: “*Esse velho é doido de lavar pedra!*”. Ao final da discussão, as bolsistas solicitaram que eles destacassem as palavras que não entendiam, para que elas explicassem o seu significado. Essa atividade poderia ter afastado os leitores do texto, porque, quando trabalhamos com a formação de leitores, o foco deve estar em provocar a estesia. Ao lidar com crianças que ainda não são leitoras, são importantes atividades que abram seus canais de percepção pelo aspecto artístico do texto, caso contrário o texto passa a pretexto para o estudo da língua.

A leitura do texto em voz alta pelas bolsistas e, na sequência, pelos alunos permitiu-lhes sentir o texto e internalizar seus sentidos. Conexões entre as fotografias



contempladas no início do encontro com o texto lido foram ampliadas de modo coerente, várias teorias sobre o porquê do velho lavar pedras. Comentários como “*Eu gostei da história!*” e “*Conheci uma história nova hoje!*” sinalizam uma aprendizagem, pelas bolsistas, de uma docência qualificada, tocando a vida das crianças com a literatura.

Considerações finais

Esta pesquisa evidencia a importância do planejamento para uma boa mediação literária. O uso de objetos propositores permitiu às bolsistas estimular os alunos a experimentarem o mundo literário por meio de seus sentidos. A concepção de mediação assim como de literatura frutiva foi fundamental para o êxito das atividades, o que evidencia que a teoria qualifica a prática pedagógica. Trouxemos aqui dois exemplos de mediação adequada, que é aquela que provoca o leitor a entrar no texto em busca de várias significações. Essas atividades desenvolvidas pelo PIBID trouxeram à baila que a



formação de leitores depende de vários fatores, como a escolha do texto, os objetos propositores que são selecionados como encantamentos e a postura do mediador.

Palavras-chave: Mediação de leitura. PIBID. Formação de leitores.

Referências

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MARTINS, M. C. Entre [con]tatos, nuvens e chuviscos mediadores. In: MARTINS, M. C. (Org.). **Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota, 2014. p. 213-229. (Série: Arte, educação e cultura).

NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. A movência do leitor na leitura do literário. In: NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. (Orgs.). **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética**. Curitiba: CRV, 2016. p. 143-157.

NEITZEL, A. de A. *et al.* E as bibliotecas... serão elas espaços de mediação cultural? In: NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. (Orgs.). **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética**. Curitiba: CRV, 2016. p. 67-90.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

URIARTE, Mônica *et al.* Mediação cultural: função de mestre explicador ou ação de mestre emancipador? In: NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. (Orgs.). **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética**. Curitiba: CRV, 2016. p. 37-51.